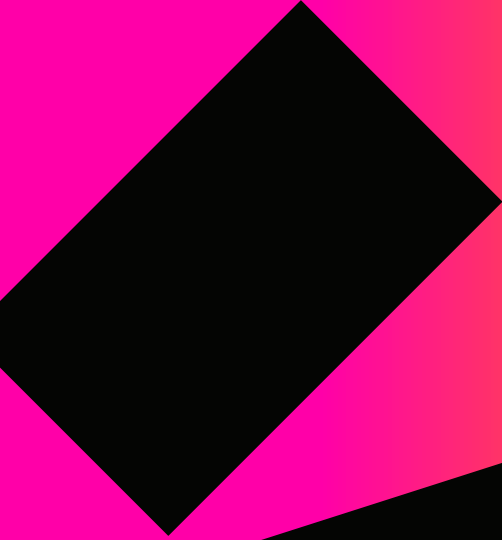


24, vi-vos



24, vi-vos



elilson

Há textos que nos adiam por anos. Este é um conjunto de caminhadas com intervalos entre 2012, 2016, 2020. Andanças que também são entrecortadas por 1981, 1991, 2005, 2008, 2018 e pelo ano em que você o lê, o qual, não necessariamente, é o indicado por seu calendário. Um círculo de deambulações vividas nas ruas das cidades e por dentro do corpo, onde igualmente geografia se faz. Agora essas palavras-va-gões ganham novas escritas pelos passos da tua voz, que carrega, inevitavelmente, corpos.

Não sei em qual cidade este texto vira voz em suas mãos, mas saiba que ele foi caminhado em Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em qual cidade for, estamos situados no Brasil. Então, gostaria de propor neste momento em que pela janela vejo 3 homens de camisa amarela revestindo um telhado com papel prateado e que você tenta decifrar o título do livro que aquela mulher de bolsa vermelha, lá no meio do trem lotado, cobre com os braços; neste momento em que parado na praça eu vejo, sequencialmente, 6 adultos e 1 criança andando com os olhos voltados para o chão; em que você toma um gole de cerveja e

tira o excedente do buço com o lábio inferior, em que franzo a testa com a batida dos guardas por cima das ambulantes; em que nós olhamos ao mesmo tempo para essa revoada de sacolas plásticas no meio do viaduto e trocamos um quase sorriso no canto da boca; enfim, neste momento em que circulamos com a mais cotidiana das constatações, a de que somos muitos passando sem parar, eu queria propor que mensuremos cada palavra que entra e sai, neste quarteirão, por nossas bocas, ouvidos e olhos, não como quem termina de beber um copo d'água e, com os lábios secos, desconfia do sol em vez do próprio corpo, mas como quem não pode negar, de partida, que as palavras são violentas, e portanto é preciso esmiuçar de que matérias, radicais e desinências elas são compostas. Que caminhássemos nas ruas com a nuca firme, mas com o olhar disponível a se curvar, vulneravelmente, como quem sabe que andar numa cidade é não parar de atropelar camadas de mortos e de vivos, de visíveis e de não visíveis, corpos, águas, seres, coisas. E memórias. Que caminhássemos nas ruas com a sentinela de quem não ignora a multidão de sangue petrificada em cada estátua ou rua

que presta tributo a facínoras. Que caminhássemos com a atenção de que nossas mãos, pés e vozes multiplicam um sem fim de corpos; que caminhássemos, mesmo que afobados, com a certeza de que, nas ruas, inspirar e expirar é tempo suficiente para ser atravessado pelo que nem palavra tem potência de dar nome.



Caminhando, queria te contar que em um desses *ontem*, pouco depois das 17h, ainda fazia um sol forte no Rio de Janeiro. Muito próximo do metrô Flamengo, antes de duas quadras esportivas, travei os passos. Dois homens se empurravam, discutindo. Um deles era apenas empurrado, nem através da fala reagia. A princípio suspeitei se tratar de uma brincadeira, mas por alguma razão eu não conseguia andar e passei a involuntariamente mimetizar a ausência de reação do homem empurrado. O homem que empurrava retirou do bolso uma faca enorme, que me paralisou de vez. Sabe aquela agonia súbita de corpo inteiro, sensação de impotência desmedida quando um veículo freia bruscamente e você contrai o abdômen para trás, risca um ar preso na garganta e não consegue — nem avançar, nem retroceder? Ali, em segundos, o homem sem reação sangrava da barriga até o asfalto. O esfaqueador balbuciava coisas como “eu avisei” e me olhava com a arma em punho. A poucos segundos dali o bairro era normalmente uma tarde: feira, fila e futebol. Tonto, corri procurando uma viatura. Nada. Liguei para o 190 e rapidamente fui atendido. Com as mesmas expirações velozes pelas narinas

que tenho agora ao conversar com você, voltei. Cinco pessoas paravam para comentar o esfaqueamento naquele homem, que vivia ali mesmo onde foi violentado. Outras cinquenta passavam sem notar o que havia ocorrido. Informei a quem o assistia que o SAMU se aproximava e olhei pela última vez aquele homem sangrando e estripado sem dividir nem um respiro de dor. Corri de novo, fugindo para dentro do metrô, tomado de raiva por ter que continuar o dia depois de ver. Mas havia uma mala e uma viagem a serem feitas ainda naquele dia. Fui até o caminho de casa com os segundos de luz do sol, empurrões, faca entrando e saindo do corpo, sangue e dor sem som. E medo. Medo de voltar à superfície e ver, medo de sangrar sem som. Em casa, acabei com a água do mundo. De mochila pronta, horas depois estava numa praça da *ré pública* deserta à espera do carro que me levaria para um pouco longe dali. Foi, então, que um homem carregando um saco enorme com centenas de latas de cerveja vazias parou, tocou no meu ombro e perguntou: “Você tá triste?”. Eu? Não, tô bem. E você? “Eu também, eu tô vivo! Você também, você está vivo, VI-VOS”. Disse assim, separando as

sílabas da palavra, me acordando pela tônica. Ele seguiu e eu agradei por estar naquele horário e naquele local, desejando que aquele homem também esteja vivo. Apesar da faca entrando e saindo do seu corpo. Apesar do sangue escorrendo pelo corpo. Apesar das tripas seguradas na cintura, prestes a cair no chão. Sem som.

De algum modo, aquela marcação da sílaba tônica, aquela enunciação sublinhando o som labiodental da consoante v, VI-VOS, (*vi a vós?*) fincou-se como um aprendizado, uma confirmação de que somos corpos-transportes, corpos-contêineres, de que carregamos uma vida múltipla que não se limita ao nosso corpo, de que cidade e corpo são sinônimos que só alternam escala, de que os signos que aparecem nas ruas não param de reivindicar corpos: aqueles que, no vaivém, acostumamos a deixar para lá, verticais e principalmente horizontais; aqueles que em outro tempo-espço são continuamente pisoteados por nossos pés; e os nossos próprios, por vezes mortos de tão vivos.

Talvez seja preciso que, agora, caminhemos juntas pelas ruas sem titubear o olhar

e encarar esse firmamento colonizador e sanguinário que é o chão. Olhar não como quem respeita, mas como quem tem responsabilidade sobre os mortos sob e sobre o chão. Isto é, como quem tem *habilidade de responder* às palavras e suas densidades, pesos, significados. Habilidade para não dar paz às nossas próprias palavras e, assim, responder quem somos, para onde, por que e como seguimos a caminhar. Nós, mortos, simbólica e concretamente, vi-vos. Caminhemos sem fingir que não sabemos que até o direito ao luto em nosso território tem cor, gênero, classe e orientação. Ou melhor, sem fingir que, sabendo, deixamos de continuar a caminhar no país em que o desinteresse pela vida e pela morte andam unidos, em convivência ensurdecadora. Possivelmente isso explique os carros continuarem a rolar pelo asfalto, mesmo com uma mulher sendo arrastada viva por uma viatura; que os trens prossigam, mesmo quando outros três passaram por cima de um trabalhador em horário de pico; que as cangas, os sorvetes, o sol e as risadas não se abalem numa praia do Sul, mesmo com um nordestino esfaqueado quarando por duas horas à espera do IML; que um metrô continue seu serviço mesmo quando

um Senhor é espancado até a morte por salvar uma travesti do calvário; que os dias continuem úteis mesmo com corpos em extermínio constante debaixo de lama; ou que uma cidade não se obrigue a parar e a dar, pelo menos, dois passos para trás nem quando um estudante é executado com o uniforme da escola. Corpos corpos corpos ad infinitum, cuja morte não nos freia, mas, mortos, seguem vi-vos. Por isso, caminhemos afirmando esses corpos pelo nome, empenhando esforço integral para que nossos passos não alimentem a engrenagem de homogeneizar tantos corpos com palavras e números e, dessa forma, rematá-los incessantemente com a sonsa solidez de quem ignora que os mortos não fal(h)am.

Números e palavras, dentre incontáveis, são também ferramentas cultivadas para matar novamente os corpos. E neste instante, enquanto caminhamos e tenho impressão de que aquela senhora no ponto de ônibus – a da esquerda, a que curva a cabeça e passa os olhos por cima das lentes dos óculos escuros de armação laranja – desconfia que escrevo sobre nós, e que você, no ponto do lado oposto, sacode a

perna direita anunciando pressa ou espantando mosquitos, eu poderia listar todas as centenas de decimais que, somente neste ano de parimento desta prática de vida em texto, contingenciam um sem fim de corpos. Cortes e mortes por horas e até minutos. Homogeneização como tecnologia de matança.

Falando em números, vou deixar que você elenque e nos diga quantas mortes e quantos cortes. Por horas e até por minutos, não nos esqueçamos: a matança acontece enquanto caminhamos-escrevemos. Aqui, só para focalizar alguns números, te conto que enquanto este texto é escrito, ao menos em 70 países é crime ser LGBTQIA+. Até a última página pontuada, de 40 a 80 pessoas, a depender do horário em que acessei, entraram no chat 118 no Brasil. A cada 16 horas, neste mesmo país, alguém foi morto ou decidiu morrer por conta do gênero e da sexualidade. Números: ferramentas para amaldiçoar corpos também linguisticamente. Caminheemos, então, equilibrando com as mãos espalmadas duas bandeiras. Em cada uma estão bordados em vermelho vivo, respectivamente, os números 108 e 24. Façamos

isso na fronteira entre o Brasil e o país que massacrámos exatos 100 anos antes de 1964 e que, quase 160 depois, caminhamos como se não o tivéssemos feito. Negociemos com o vento e carreguemos bandeiras como corpos pelo meio entre Brasil e Paraguai.

Em nosso vizinho vilipendiado historicamente por nós, o número 108, por lei, é proibido em placas de carros, em fachadas de casas e em portas de apartamentos. Acontece que na segunda-feira, 1 de setembro de 1959, um locutor de rádio, homossexual, foi queimado vivo em Assunção. A ditadura divulgou que se tratava de um crime *entre pares*, um *acerto de contas* entre “homens de condutas sexuais duvidosas”. Em resumo, 108 homens gays foram catalogados, perseguidos, caçados e torturados. Hoje, mais de meio século depois, a pronúncia do número cerra um *tríplice* conflito linguístico: as leis proíbem sua utilização, pois rememora o que persiste sem se combater; sua enunciação ainda é xingamento e chacota nas ruas; mas sua reivindicação e utilização como símbolo de luta é reescritura histórica latente e irrefreável. No Brasil, temos o correlato 24. O humor

chinfim da fragilidade hétero-masculina remonta ao surgimento do jogo do bicho no Rio de Janeiro do século 19: os veados, ocupantes da tabela 24, eram animais conhecidos por relações homoafetivas aos olhos do público no zoológico municipal. A obviedade intrínseca à discriminação é discursiva e fonética: veado – transviado – viado; vinte e quatro – vim de quatro. (Linguisticamente, teima-se em perpetuar a passividade como referência ao feminino. Talvez um dia, nós, gays, em uníssono, entendamos que a homofobia é uma extensão da violência contra a mulher: afinal, o que se violenta e aniquila num homossexual é, de cara, o que se identifica, *grosso modo* normativo, como “feminino”. Talvez um dia, cumpriremos nosso dever sobrevivente de aniquilar a misoginia desde a enunciação, e, daí, estampemos o número 24 em todas as instâncias, invertendo violência em agenciamento, reengendrando a língua, forma primeira e absoluta de poder e aniquilação).

Afinal, ditos populares e discursos de ódio têm uma semelhante vitalidade linguística, revestem-se e retroalimentam-se. Trata-se, infelizmente, de uma das poucas

instâncias, no campo social, em que a oralidade prevalece o grafocentrismo. Daí porque dois séculos e um tanto após a criação do Jogo do Bicho, o Congresso Nacional não tenha até 2019 o gabinete de número 24; um vereador vire notícia ao se recusar votar uma lei por ocupar a posição 24 na chamada de parlamentares; e a década de 2020 inicie com mais uma polêmica em torno da nunca utilizada camisa 24 no futebol.



24 foi a idade que transmutei a medida em ano do corpo em rito de passagem: ao longo de 2016, durante os meus 24 anos, encontrei na cidade do Rio de Janeiro – aleatoriamente nas ruas ou em situações combinadas por amigos em comum – homens chamados Fábio. O principal requisito era não conhecer ou ter qualquer ligação com todos eles. Com o pretexto de ter uma “conversa em público sobre irmãos”, partilhei minha relação com Fábio, meu irmão mais velho, filho do meu pai, homossexual como eu e suicidado aos 24 anos. No ano em que eu ficaria mais velho que meu irmão mais velho, em que passaria da idade cujo número é comumente associado à imagem do “veado” e à condição de ser “viado”, quis reencontrá-lo nas ruas a partir de outros homens, de tantas as idades, para finalmente apre(e)nder, de corpo, que esta prática de vida não era sobre mim ou sobre ele, mas sobre nós.

Nos encontros, as conversas sobre irmandade, distâncias – geográficas e afetivas – e suicídio escreviam a invenção de um comum biográfico entre mim e aqueles homens, cuja maioria confidenciou segredos familiares em encontros que não passavam

de 24 minutos. Dobrando aquela esquina entre a banca de revistas e a senhora tocando “deixa a vida me levar” no ukulele, eu te pergunto: o que pode acontecer durante 24 minutos em meio a rua e a vida cujo comum é não parar de acontecer?

Os encontros com os Fábios eram acompanhados por um lençol azul claro, que ao término era sacudido por segundos, talvez 24, cerca de 24, por mim e por ele(s). Além do lençol, eu compartilhava três arquivos:

1. Esta fotografia, em que apareço na frente de um carro azul-anil, com 3 ou 4 anos, “fantasiado de carnaval”, como minha mãe escreveu no verso, trajando uma roupa vermelha com lantejoulas que remete à figura de um cigano ou vidente, com a barriga projetada para frente, as pernas curvadas para trás e a cabeça inclinada para a direita enquanto encaro a câmera;
2. O santinho da missa de sétimo dia do meu irmão; e
3. O seguinte texto, que lia após perguntar sobre as irmãs e irmãos do Fábio da vez. Transcrevo o texto aqui entre aspas, pois os anos decorrem e algumas palavras passam a caber só como citação em nossos corpos:

“Recife, terça-feira, 09 de outubro de 2012,
ponto final às 02h03:

Quando eu nasci, ele tinha dez anos, quase onze. Quando ele morreu, eu tinha treze. A única coisa em comum entre nós dois é que éramos filho do mesmo pai. Isso deveria ser algo no mínimo especial, mas não foi. Não tivemos tempo nem vida para que fosse. A primeira imagem que eu tenho dele talvez me remeta aos meus cinco anos: ‘Lá vem aquele franguinho bastardo’. Era uma frase habitual que eu simplesmente crescia reproduzindo sem que isso fosse notado ou repreendido. Uma das imagens mais claras que eu tenho relacionada a ele, na verdade, é dos meus seis anos: limpando o meu rosto de seu beijo assim que ele virara as costas. Na minha cabeça de seis anos não era errado um homem me beijar no rosto, afinal, o meu pai, o meu irmão, os meus tios faziam o mesmo. Mas é que aquele não seria um homem como eles. Pensamento que eu até poderia achar estranho, mas não tinha agência para declará-lo equivocado.

Ele vivia num abismo consanguíneo: à mercê de um pai, clamando presença e

sobrenome. À espera dos irmãos, testando reciprocidade. Fingir ter essa presença e esse afeto, afirmando *sou filho e meus irmãos* talvez fosse a maneira pra seguir levando a vida. Dentre os seus parentes, a realidade não deveria ser tão distante. Era para ele que os dedos pentecostais de um bairro inteiro gostavam de apontar, por simplesmente ser um homem de unhas delineadas e pintadas à base, um homem de sobrancelhas desenhadas, curvilíneas, um homem de timbre delicado, um homem de maçãs do rosto cuidadosamente avermelhadas. Um homem à imagem e semelhança de sua mãe. Mas todo esse referencial feminino num homem não cabia bem.

Até que aos vinte e quatro decidiu pôr um ponto nas reticências escritas pelos outros. Escolheu morrer à maneira preconizada por Judas. Só que não foi numa árvore e nem era ele um traidor. Mas traído pela própria possibilidade de viver em consequência do que lhe era alheio. Só que o alheio é, inevitavelmente, inerente. Ou não? Só que as pessoas, nós, não quisemos, não quisermos nos dar conta disso. As pessoas, nós, não querem, não queremos nos dar conta disso. Na minha cabeça

de treze anos, a maneira de levar aquela vida era resumindo-a a um acontecimento trágico, a uma fatalidade sem igual, que é o modo que encontramos para nos eximir da inerência, não é? Quando os pêsames eram recebidos, o imediato em pensamento, e por vezes em palavra, era: “mas nem erámos próximos”. E como haveríamos de ser?

Sei que no meu corpo de dezesseis a tal da fatalidade foi me tomando por inteiro, como um estalo que surge por dentro da testa e vai criando uma geografia pelo organismo, geografia de culpa pelo alheio, que é inerente. Aquilo era uma parte de mim, era inevitável. A famigerada ironia da vida brotava ali, em mim. Eu que tive e tenho pai, que tenho tudo que ele não teve, que parece que nasci para viver uma vida que ele não pôde. Todos os dias, de algum ou de todos os modos, construo uma história possível por ele e por todos como ele, como nós, porque eu e ele teríamos algo a mais em comum além do sangue. Ele se foi sem nem poder sorrir de tal ironia. Fato é que a breve existência dele, ironicamente, se prolonga em mim”.

Enquanto caminhamos, queria só afirmar para você que, aqui, contarei brevemente os encontros que vivi com cada um dos Fábio. Me reservo da inclinação de querer prostrar a vida do meu irmão, pois não seria prudente de minha parte. Ao meu irmão, segurando em tua mão ligeira de pedestre confiante, falo em voz alta que agradeço por sua vida, que concordo com ele e que respeito que ele vá. Falo em voz alta que não nasci para viver uma vida que ele não pôde viver, pois ele viveu uma vida, a sua vida, e viver uma vida É.

Vivendo um quarto dos meus 24 anos, passei um dia de março em jejum à espera de um concerto de Elza Soares com participação de Caetano Veloso. Extasiado após o show, tonto de fome e de alumbramento, joguei uma caipirinha de kiwi no estômago e perambulei pelo bairro da Lapa. Passei por duzentas pessoas, esbarrando em mais de vinte até encontrar a escadaria Selaron e me sentar em um de seus degraus. Perto, um ou dois batentes acima, estavam três rapazes às gargalhadas fumando maconha. Conversavam sobre praia, casamento e comentavam sem pudores sobre uma ou outra garota que subia ou descia

as escadas. O rapaz do meio contou aos amigos como estava o seu filho, Caetano, o que me fez mirá-lo instantaneamente. Seu sorriso veio acompanhado de dois cumprimentos: o polegar direito sinalizando legal, e a mão esquerda oferecendo o baseado. Aceitei e, ali, na cidade onde ainda era um completo estrangeiro, começava a primeira de incontáveis conversas casuais com desconhecidos na rua. Após perguntar como eu me chamava, de onde eu era, de onde eu vinha e para onde eu iria naquela noite, disse o nome dos amigos e finalmente se apresentou: Fábio. Um deles foi embora em poucos segundos e continuamos os três fumando, bebendo e perambulando. Ao término da noite, sentados no meio-fio, depois de rirmos da sucessão de bêbados e falarmos sobre bicicleta, infância e arranhões, contei que ele era homônimo ao irmão que tive. Ali, com as duas palmas das mãos encostadas no chão, dei por mim que eu estava com a mesma e fatídica idade, e que era o meu irmão minha primeira referência homossexual. A primeira referência do que não ser, mas que invariavelmente sou. “Você também é gay?”, Fábio quis saber com todas

as letras. Ao meu sim, seu amigo se afastou com um riso de repugnância, alertando sobre a hora. Entendi que vou encontrar muitos Fábios neste ano, você é o primeiro. Ele esticou a mão e tocou na minha nuca, de modo semelhante a como meu pai me segurava para não me perder nas ruas lotadas em dias de comprar material escolar. Nossos olhos sincronizaram um voluminho d'água, mas seu amigo exclamou "já deu", o puxando sem me dar tchau.

Nos meses subsequentes formulei a performance que descrevo aqui. Antes de partir para as ruas, desejei compartilhá-la em uma das disciplinas que eu cursava na época, entre amigos e desconhecidos, para entender como agir com aquele lençol, como vocalizar o texto escrito em 2012 no Recife. No trajeto de ônibus entre a Central do Brasil e a Ilha do Fundão, senti uma pressão no lado esquerdo do pescoço, que me fez conferir, repetidas vezes, se aquilo era causado pela posição de se sentar, pelo corte da camisa ou por uma alça de bolsa inexistente. Nas Artes Visuais, abri o lençol e pedi que a turma, de mais ou menos 20 pessoas, fizesse roda em torno dele para sacudirmos coletivamente,

cada um segurando uma pontinha. Chaves, carteiras, canetas, celulares e papéis foram espontaneamente jogados naquela superfície de azul e vento. Perguntei se alguém ali também tinha 24 anos. Com a ausência de coincidência etária, optei por uma familiar e convidei para dentro da sala Diana, que tinha o mesmo nome de minha irmã. Confidenciei as matérias-primas do trabalho e pedi que me ajudasse a transmutar o lençol em forca. Chamamos todes para a sala e, sentado à frente daquele objeto, isto é, daquela representação, li o texto. No meio da leitura, contudo, impulsivamente encaixei o meu pescoço naquele pano. Retornando para casa, o latejo no pescoço era agonia de corpo todo. Voltas e voltas sem tino pelo meu bairro e duas latas de leite condensado foram estímulos para que eu me afirmasse que culpa não haveria de ser matéria daquele trabalho. E que lençol não deveria mais ser forca, mas fluxo, pois se tratava de afirmar vida, vida que acontece na própria morte.

Precisei de cinco dias para pensar e entender isso, sumindo da vida. Retornei numa segunda-feira. Ao término da aula, Miro, meu amigo, perguntou se eu não queria

caminhar da Praia Vermelha até o Flamengo, para conversar e jantar. Comentou que lhe contaram sobre o texto e o lençol e foi me cuidando pela escuta. Falamos e jantamos até 2 da manhã, quando na despedida, com a mão já empurrando a porta para fechar, ele disse: “Vai pela sombra, mas atento ao que a rua diz”. Entrei no elevador e escolhi que aquilo era um sinal para ir caminhando até o Centro. Apesar da madrugada, do medo e do cansaço, eu tinha que andar com aquele conselho antes de entrar em casa. No bairro do Catete, antes da metade do caminho, um rapaz estava parado numa calçada deserta com o celular em mãos. Lançou para mim um olhar de flerte. Parei e disse boa noite, ao passo que ele se apresentou: Fábio. Soltei uma sílaba de risada, e ri o resto sem som balançando a cabeça, mordendo os lábios e arregalando levemente os olhos. Mesmo sem entender, ele foi objetivo: perguntou nome, idade e se eu não queria ir até a sua casa conversar e cheirar o pó que acabara de comprar. Agradei e disse que precisava seguir, que encontrá-lo no meio da noite já não ia me deixar dormir. Ele estendeu a mão com cara de estranhamento e a

apertei sem disfarçar que admirava sua sobrancelha bem desenhada. “Eu trabalho com estética”, disse por fim. “Eu acho que eu também”, respondi já andando.

Meses depois, em agosto, tornou-se inadiável: em dezembro eu completaria 25 e precisava, então, sair pelas ruas à procura dos Fábios. Pesquisando um dia preços de notebook, saí da primeira loja e li o cartão que recebi do vendedor: “Fábio – 9:00 hs às 17:00s”. Voltei e comprei com ele mesmo. Enquanto preparava a nota fiscal, perguntei se Fábio não poderia me encontrar um dia depois das 17h. Aqui mesmo perto do trabalho, ou vou andando com você em direção ao trem. É coisa rápida, eu garanto. É um trabalho artístico sobre irmãos. “Mas tem que tirar foto, desenhar, essas coisas?!”. Fica tranquilo, é mais conversa do que arte, um papo no meio da rua sobre irmãos. Ele gentilmente escreveu seu endereço de e-mail no verso do cartão e disse que me reencontraria sem problemas. Sem respostas, voltei na loja para combinar um dia. “Amanhã, fechado”.

No intervalo de uma aula, pedi que Lorena, minha amiga, sáísse mais cedo comi-

go para chegarmos às 17h em ponto. Às 17h24, pelos meus cálculos, ela se aproximaria para fotografar o lençol sendo sacudido. Fábio, no entanto, tinha ido embora mais cedo. Sabia que precisava fazer o trabalho naquele dia e comecei a procurar algum Fábio nos estandes de venda do camelódromo carioca. Lorena, mesmo sem saber do que se tratava, prontamente saiu perguntando e chamando por Fábio junto comigo. Localizamos um numa banca de conserto de celulares, mas havia uma fila de clientes e um lote de entregas. Saímos pelas ruas e Lorena, sorrindo, me apontou a porta de correr de uma loja muito pequena: “Fábio Cell - orçamento sem preconceito”, estampava o adesivo cor de rosa. Entramos. O balcão de atendimento separava Fábio e um funcionário de seis homens que dividiam o ínfimo espaço. O tópico da conversa, pelas últimas frases, era buceta. Olhei para minha amiga, querendo entender se tudo bem continuarmos ali. Quando pedi licença, perguntei a Fábio se ele tinha irmãos. “Dois, são menores. Mas eles estão lá na minha cidade em Pernambuco, Escada”. Eu também sou pernambucano, Fábio, mas de Recife. Contou

que estava no Rio há quase sete anos e que essa era a quantidade de tempo sem ver os irmãos. Aprendi, pelos olhos dele, que numa conversa entre desconhecidos é pela geografia que se chega nos afetos. Quando partilhei a carta sobre meu irmão, todos se mantiveram dentro da loja e em silêncio. Ao término, o funcionário averiguou: “Você tá fazendo isso aqui em homenagem ao seu irmão. Se não entendi errado, ele escolheu morrer, não foi? E ele tinha tendências homossexuais, é isso?!”. Não, ele não tinha tendências, ele era homossexual, assim como eu também sou. O silêncio durou até ele me presentear com uma versão em folheto do evangelho kardecista, contando a leitura que a religião faz sobre o suicídio. Guardei o regalo, mas expressei que prefiro caminhar sem ter fé em condenações. Fábio levantou o balcão e posou para uma foto comigo. Todos aqueles homens me cumprimentaram, alguns aquele tapinha de camaradas no ombro. O mais velho entre eles disse: “Vou conversar sobre isso com meus filhos em casa. Alguém morrer por ser do jeito que é, nunca deveria acontecer”. Quando saí da loja e a porta de correr foi fechada, olhei

para o adesivo no vidro e o amontado de homens por trás dele, mas no meu pensamento eu vi o meu irmão sorrindo. Lorena sacudiu o lençol comigo, nos abraçamos e ela dividiu: “Bicha, eu não imaginava que se tratava disso. O suicídio é uma questão na minha família. Sempre tentaram me proteger da história, mas hoje sei que foi o patriarcado quem matou a minha avó”. Eu penso que ao meu irmão também.

Naquela mesma semana, amigos e colegas começavam a me inserir numa rede com seus conhecidos de nome Fábio. Meu segundo irmão, também mais velho que eu, também homossexual como nós, passava uns dias comigo e fomos juntos com amigos aos bares da Lapa. Em uma das calçadas mais cheias da noite, me encontrei com Fábio, que me contou sobre a morte de seu irmão: “Já tem mais de dez anos, mas todo dia eu acordo como se tivesse sido na última noite”. Também me falou sobre seu filho e sobre seu namorado, que há poucos metros sorria ao nos ver tirar uma foto fazendo um lençol azul de manto e depois chacoalhá-lo entre carros, motos e pessoas derrubando copos de cerveja sem parar. Um garoto que

estava no mesmo depósito de bebidas e observava a ação me chamou: “Ei, é você que anda procurando por Fábio para uma performance, não é?! Um amigo me escreveu por esses dias. Prazer, eu sou um deles!”. Contou do dia a dia com seu irmão gêmeo, artista cênico como ele. “Eu e ele carregamos e expressamos o masculino, o feminino e muito mais do que isso em nossos corpos. A vida sabe por que nascemos juntos”. Para nossa foto, decidiu que o lençol seria um vestido e que deveríamos encarar a câmera do celular com o queixo altivo.

Semanas depois, recebi um áudio de minha amiga Ana: “Eli, você não vai acreditar, mas uma paciente minha aqui da Mangueira acabou de dar à luz a um Fábio! O pai também se chama Fábio! Deixa passar o resguardo e coloco vocês em contato, tenho certeza que ela vai topar”. No dia combinado com Jeanne, saí do metrô e peguei o mototáxi até o Buraco Quente, onde ela generosamente me aguardava na sala de casa com Fabinho e os outros três filhos seus e do marido. “Fica aqui no sofá à vontade. Meu marido é mais na dele, foi trabalhar e desistiu de conversar com você.

Mas eu tô aqui”. Não tenho nem como agradecer a você. Prometo que vai ser rápido, viu? É só o tempo de lermos essa folha e de conversarmos o quê e o quanto quisermos, mas sem atrapalhar a tua hora. “Não tá atrapalhando nada, a minha hora é o tempo de casa, está tudo certo”, disse ela, confiando Fabinho ao meu colo, que estava forrado com o lençol azul. Fiquei alguns segundos emudecido, de olhos fixos naquele menino dormindo e respirando em meus braços, mexendo despreziosamente os lábios e as sobrancelhas. “Os nervos dos bebês ficam assim quando eles estão sonhando”, me ensinou sua mãe. Uma das crianças segurou o texto para que eu lesse sem precisar tirar o irmão dos braços. Ao término, enquanto as crianças sorriam desconfiadas, eu e a mãe passeamos os olhos pelo espaço em silêncio. “Na vida da gente acontece o que a gente nem imagina, não é?”. Os filhos me ajudaram a sacudir o lençol, o que virou folia, com direito a grãos de pipoca flutuando pela sala. “Pode deixar que eu mando seu abraço e conto a história ao meu marido, sim”.

Uma semana depois, o encontro se deu mais uma vez num ambiente fechado, des-

ta vez um escritório de produção por dentro de Botafogo. “Não vou mesmo conseguir ir aí na rua. Prejudica seu trabalho se você der um pulo aqui?”, me telefonou Fábio. Quando cheguei, bebemos água, dividimos como havia sido o dia e conversamos sobre os cartazes de cinema que ocupavam os dois andares. Confidentes por 24 minutos, ouvi o maior segredo de sua família, opinei sobre como conversar com a filha de 16 anos a respeito da bissexualidade, pedi conselhos e partilhei sonhos. “Mas, me diz uma coisa, qual você acha que é a principal motivação para você sair nas ruas e fazer esse trabalho?”. Talvez ele me ajude a transformar uma história pesada... “Não ouse resumir a vida de seu irmão com a palavra peso. Eu te garanto que ele viveu coisas incríveis que você nem imagina. Uma cicatriz de quando se empolgou na bebida. Teve um show maravilhoso que ele viu com uma amiga. Um tempero que ele colocava na comida só para sentir o cheiro... Seu irmão viveu uma vida. Uma vida é uma vida”. E pesadas são as nossas palavras.

Dias depois, também no bairro de Botafogo, conferi no mapa a localização exata do

encontro e me sentei no canteiro de uma árvore, do outro lado de um cemitério. Quando chegou, Fábio contou da chamada de vídeo com amigos de sua cidade, Belém, que se prolongou mais que o programado. “Eu quase escrevi que não vinha, pois não tenho irmãos, não sei como posso contribuir com seu trabalho”. Mas o único critério é ser Fábio! Decidiu que todo o nosso encontro seria debaixo daquele lençol, transformado numa cabaninha em via pública. Dentre tantas coisas, lembrou de seu amigo da faculdade, o primeiro amigo homem que teve na vida, um policial militar que o defendia e o estimulava a ser quem é e a se vestir como gosta. Em alguns instantes, homens se aproximavam do nosso refúgio público, mas nem as buzinas, as risadas, a palavra “viado!” cuspidas com todo gosto ou mesmo o vento moveram aquele lençol.

Posteriormente, me encontrei com Fábio no chafariz do Largo do Machado. Com um dos braços engessados, ele lamentou como os dias estavam difíceis sem tocar seus instrumentos musicais. Encostou as sacolas de verdura perto de nossas pernas e me falou um pouco sobre sua irmã, que morava em outra cidade. Aproveitei e falei

um pouco sobre a minha, também distante, lá na minha cidade. Olhando para a frente, vendo o floriculturista negociando, os guardas multando, as crianças cheirando cola, os taxistas conversando, os ambulantes oferecendo excursões para o Redentor, os idosos se exercitando e o vaivém do metrô, concordamos que não paramos na vida para perceber que deve ser difícil ser irmã. De pé, colocou a tipoia e me ajudou a sacudir o lençol segurando-o com uma das mãos e com os dentes, enquanto crianças passavam por baixo e adultos reclamavam da obstrução. Ao me abraçar, dentre músicas e lugares, recomendou que eu lesse “O filho de mil homens”.

Na última semana dos meus 24, encontrei mais três Fábio. Saí de casa para encontrar o primeiro pontualmente às 12h, seu horário de almoço na Prefeitura, mas voltei e fechei a porta para respirar e verbalizar para mim mesmo o que dizia, sem titubeios, meu coração: Eita, esse encontro vai ser especialmente forte... Já no saguão de passagem entre os prédios da Prefeitura, Fábio passou algumas vezes por mim inquietado. Ei, Fábio?! “Sim”, disse ele, virando o crachá. “Imaginei que era você

por conta desse pano azul”. Quando terminei a leitura, ele disse: “Que coisa! André, que te deu meu contato, não sabe de nada da minha vida, então não teria como adivinhar...”. O quê? “Agora vamos ter que conversar não sobre seu irmão, mas sobre meus dois tios que se mataram”. Por fim, Fábio decidiu que nos deitaríamos no chão da Prefeitura, colocando somente nossas cabeças para fora do lençol. Foi uma guarda municipal que generosamente nos fotografou.

No dia seguinte, encontrei Fábio no intervalo do ensaio de seu novo número de circo. Conversamos sobre ônibus, mapas, danças e irmãos. Para a foto, se acoplou ao meu tronco e pediu que uma amiga nos ajudasse com o lençol, que deveria ser um manto para minha cabeça ao mesmo tempo que cobriria o meu ventre, grávido de seu corpo. Quando terminamos de sacudir o lençol, uma revoada de folhas aconteceu no pátio externo, com um vento inesperado uivando pela rua para anunciar chuva. “Entendeu? Agora vai lá e continua esse trabalho, que talvez te acompanhe em muitas idades”. Dando dois tapinhas na minha nuca, voltou rapidamente para a sala de

ensaio. Antes de abrir a porta, me olhou um pouco mais sério e girou o indicador, firmando o recado sem palavra, mas com vento.

Por último, encontrei Fábio no fim da praia do Leblon, em uma praça com disputados aparelhos de musculação, precisamente “num banco com a mais bonita vista”, segundo ele. Escutei sobre ser filho e irmão adotivo, falamos sobre ser irmãos com sobrenomes diferentes, sobre diferentes negações de paternidade. Ao balançarmos o lençol, brinquei com seu sobrenome derivado de vento e peripécia, *ventura*, e apontando as cores, ele me lembrou que lençol também é mar. “Agora vá em frente e conclua esse trabalho!”.

Na quinta-feira, 08 de dezembro de 2016, abri o lençol no meio da Lapa junto com Flávia, minha amiga, que de olhos fechados sacudiu ele comigo por ininterruptos 24 minutos antes das 22h50. “Viva vocês! Vai, Fábio! Fica, Elilson”, ela gritou algumas vezes. Toda a força do corpo empenhada em transformar cor e tecido em matéria vento me esgotou as palavras. No primeiro minuto dos meus 25 anos, minha amiga ajustou o chapéu de aniversário amarelo que havia colocado na minha cabeça e debruçou o

lençol como manto em meus ombros. Assim segui perambulando pela noite, movido por alegria vibracional.



Fábio, 24, meus irmãos,

Este texto não é uma declaração de amor ou um pedido póstumo de desculpas. Ele é movimento. É sucessão incessante de encontros. Celebrações de acontecimentos banais. Esbarros em acasos que acolhem acasos. Profusão de signos afirmando que, se quisermos, a cidade às vezes conta a mesma história. Ele É. Agradeço o amor de me reencontrar tantas vezes em ruas e casas. Precisei estar com tua idade-passagem para te apreender com o corpo. Precisei ficar mais velho que você para que isto saísse do corpo em palavras que vão para as mãos, pés e vozes de quem nos escuta, para transmutar outros números, combinar outros encontros. Palavras que, agora, saem do meu corpo que passou dos 27, e do seu, que chegaria aos 39. Não termino de escrevê-las, porém, sem sentir uma pressão no pescoço, como se uma mão masculina me esganasse só do lado esquerdo. Esse latejo que não tem explicação para além da memória imperecível, é só um lembrete para que eu e quem nos escuta continuemos a sacudir o lençol, para que isto prossiga vi-vo.

Afinal, este trabalho não é sobre a vida dele, nem sobre a minha vida. Ele é sobre nós. Este texto teve como primeiro leitor um artista chamado Fábio. Terminei de mexer neste texto num dia 24. Escrevo parte dele numa biblioteca cujo armário aleatoriamente me emprestado é o de número 24, me locomovendo na sequência num carro dirigido por um Fábio. Neste instante da nossa caminhada, estou visualizando os números 24 e 108 estampados em tecidos vermelhos imensos que cobrem arranha-céus, enquanto um sol luminoso revela vários corpos *queer*, de muitas as nações, também imensos, insurgindo firmes e tranquilos como projeções acima das cidades.

2

4

tabloide é uma coleção de textos que nascem como reações imediatas decorrente de experiências que nos engasgam nesses tempos sombrios em que somos submetidos diariamente e que pedem urgência para que sejam publicados, lidos em voz alta e colocados em circulação.

Este texto virou palavra e processo de pesquisa durante estadia na residência da FAAP, Praça do Patriarca, onde, numa tarde corriqueira, dois homens se xingavam com o número 24. A residência e a praça ficam às margens do Anhangabaú: terra indígena transmutada em cemitério de indígenas; rio soterrado com fama de mal agouro, que a cidade pisa e atropela sem nem saber.

www.plataformaparentesis.com

